



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa - PORTUGAL

End. telegr. Talhava - Lisboa • Telefone: 1

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A QUESTÃO TURCA



NOTAS & COMENTARIOS

O Conselho Supremo dos Aliados neste momento debate-se em plena questão turca. Sacudido em todos os sentidos, simultaneamente ou sucessivamente influenciado por interesses económicos, financeiros e religiosos, esquecendo completamente os interesses das massas populares dos seus países, assim como os da Turquia, esse pobre Conselho Supremo não sabe a que santo se apegar. Começa a actuar num dado sentido, pôr em seguida, com medo de fazer desabafado, e limita-se então a marcar passo. Pobre Conselho Supremo dos Aliados! Mas na verdade dever-se-há continuar a denominá-lo "dos Aliados"? Britânicos, franceses e italianos fitam-se como cães de fofa. Desconfiam uns dos outros. Por momentos os dirigentes tem estado prestes a romper e a arremessarem os povos uns contra os outros. Mas os povos não o querem! Fartaram-se de matanças mútuas para satisfazerem os apetites capitalistas. Agora os povos pretendem satisfazer os seus próprios apetites, e os dirigentes limitam-se, portanto, a rosnar e a desafarem-se, como os heróis de Homero.

Mas para não perderem o hábito da mentira como meio de conduzirem os homens, continuam os governantes a enviar comunicados oficiais em que se declara, com toda a gravidade, que reina o acordo, que as nações se admiram mutuamente, que a harmonia é perfeita e que só há pontos de detalhe a resolver, sendo as reuniões de cordialidade. E o que se há de fazer?

Toda a gente inteligente comprehende que os comunicados exprimem o contrário do que pretendem. Mas para os governantes o caso não tem importância. Imediatamente com as suas próprias mentiras. Sejam-se ao caçador colhido no laço que armou. E por esta forma prova constantemente a justezza das vistos de Kant, quando escreveu que o exercício do poder oblitera o raciocínio e embrutece os indivíduos.

A questão turca, que tanto preocupa os nossos pequenos dirigentes, é aliás dum extrema complexidade. Em si se encerra a questão de Constantinopla, a da Trácia e da Ásia Menor com a Círcia, a Síria, o Kurdistão, a Mesopotânia, a Armênia, e a Palestina. A questão turca liga-se à questão do Adriático por causa da Jugoslávia, da Bulgária, da Grécia e da Albânia; liga-se à questão do Egipto, do Reino Árabe criado durante a guerra pela Inglaterra, e do Islâmicismo da Índia e do Norte Africano, à questão da Pérsia e das repúblicas da Geórgia e do Azerbeijan. A Gran-Bretanha, a França, a Itália e a Grécia pretendem ter na Turquia interesses económicos, materiais e históricos, porque nela tem interesses económicos grupos capitalistas. A América tem sobretudo interesses análogos e religiosos. As populações baralham-se, encastelam-se uns nas outras, numa confusão sem nome: turcos, árabes, arménios, gregos, israelitas, maronitas, kurdos, iranianos, etc. As religiões são também tam diversas e tam encadeadas como os povos: católicos e protestantes, as mais variadas seitas do cristianismo, do islamismo, do judaísmo. Tudo isto se agita e move em todos os sentidos. Tudo isto na imensa marmita em que se encontra uma mistura som nome das coisas as mais estranhas, as mais heterogéneas. E foi isto que se propôs clarificar o Conselho Supremo. Tudo nos faz prever que o não conseguirá. Mas, quase em absoluto, foi a sua tarefa na solução das questões alemãs e da Áustria-Hungria. Os tratados de Versalhes e do S. Germain teem que ser revistos e refundidos. E estas questões eram entretanto de muito mais fácil solução.

O cheque do Conselho Supremo era fatal, visto a ausência de princípios ideológicos directores da política. E como a mesma causa subsiste quanto à solução da questão turca, o Conselho Supremo vai ao encontro de novo cheque. Há uma só maneira de resolver as questões económicas: é o livre câmbio e as reparações das matérias primas proporcionalmente às necessidades industriais. E há também um único meio de resolver as questões territoriais: o recurso do referendo popular. O povo deve dispor de si livremente. E só por meio dum plebiscito pode livremente manifestar a sua vontade. Dado o entrelacamento das povoações, a diversidade das religiões, é certo que um tal plebiscito daria como resultado a formação de pequenos grupos nacionais, talvez até muito pequenos. Pouco importava. Se cada grupo gosasse da sua independência, da sua autonomia, viveria em paz com os seus vizinhos. E bem depressa, sob a pressão das condições económicas, estes grupos étnicos federar-se-iam, formando livremente uma ou mais federações de grupos livres. Será este o sistema mais simples e o mais lógico para resolver a questão turca, pois seria seguir o processo da evolução humana. Mas os nossos governantes julgam-se superiores às leis da sociologia. E então, socranicamente, julgam que podem partilhar o império turco, não deitando ao povo turco nenhuma independência, salvo numa pequena negação.

O cheque do Conselho Supremo era fatal, visto a ausência de princípios ideológicos directores da política. E como a mesma causa subsiste quanto à solução da questão turca, o Conselho Supremo vai ao encontro de novo cheque. Há uma só maneira de resolver as questões económicas: é o livre câmbio e as reparações das matérias primas proporcionalmente às necessidades industriais. E há também um único meio de resolver as questões territoriais: o recurso do referendo popular. O povo deve dispor de si livremente. E só por meio dum plebiscito pode livremente manifestar a sua vontade. Dado o entrelacamento das povoações, a diversidade das religiões, é certo que um tal plebiscito daria como resultado a formação de pequenos grupos nacionais, talvez até muito pequenos. Pouco importava. Se cada grupo gosasse da sua independência, da sua autonomia, viveria em paz com os seus vizinhos. E bem depressa, sob a pressão das condições económicas, estes grupos étnicos federar-se-iam, formando livremente uma ou mais federações de grupos livres. Será este o sistema mais simples e o mais lógico para resolver a questão turca, pois seria seguir o processo da evolução humana. Mas os nossos governantes julgam-se superiores às leis da sociologia. E então, socranicamente, julgam que podem partilhar o império turco, não deitando ao povo turco nenhuma independência, salvo numa pequena negação.

Para realizar esta bela operação imperialista, tornava-se necessário um acordo cordial entre as potências. Mas este acordo não existia.

Era também necessário enviar tropas britânicas, francesas, italianas, etc., de modo a sufocar os "amotinados", isto é, os povos que querem dispor livremente de si. Precisos eram pelo menos trezentos a quinhentos mil homens! Mas, o diabo é que os homens não querem marchar! Também eram precisos milhões, três a cinco, pelo menos. E os Aliados já não tem dinheiro! Desolado das desoluções!

O governo turco manter-se-há em Constantinopla? E' o que pretende o governo francês. O governo inglês não sabe o que há de querer. Os interesses religiosos da Índia impõem-no a deixar o sul de Constantinopla. Mas o sentimentalismo cristão dos protestantes ingleses compõem-no a expulsar o sultão de Constantinopla. O mesmo factor religioso actua na América, apoiado, além disso, pelo catolicismo irlando-canadiano. O papa, com efeito, desejaria ver Santa Sofia transformar-se novamente numa igreja católica. Assim, a um novo acto da luta secular da Cruz contra o Crescente. Os muçulmanos desejariam conservar Constantinopla, símbolo do seu poder. Enquanto estas diversas e opostas vontades se manifestam, o emir Faical grita ao mundo árabe: "Só temos um único fim: a independência da nação árabe. E a independência não se dá, conquista-se". O reino árabe de Hussein e do seu filho o emir Faical pode bem vir a ser uma amárga desilusão para a Gran-Bretanha, que criando um núcleo de atração à nação árabe pode vir a causar-lhe bastos dissabores. Felizmente, com o seu amor pelos compatriotas, a Gran-Bretanha saberá atenuá-los.

Mas qual o compromisso tomar para com Constantinopla? Nem a França nem a Itália desejariam que a Inglaterra se estabelecesse como senhora em Constantinopla.

E a América também muito menos. Um governo composto por funcionários nomeados por estes diversos governos funcionaria muito mal. Daria lugar a choques, terminando numa rutura perigosa para a paz do mundo. Dar o mandato internacional à América, seria possível; mas aceita-lo ia a América? E' duvidoso, dada a ida política interna, a testa da qual está o Senado americano.

Havia uma solução consistindo em constituir Constantinopla e o seu hinterland: território independente, cujo governo fosse atribuído à Sociedade das Nações. Esta estabeleceria a sua sede, ficando a sua disposição um admirável porto para a futura frota internacional. Constantinopla está na confluência dos grandes caminhos inter-

LUTÓRIO DUM INSURRECTO

CACETES

Que infinitade de cacetes tem o povo conhecido!

Foi-lhe familiar, no tempo da monarquia, o cacete dos bufos e, durante os anos de república, grande número deles, compridos ou curtos, grossos ou delgados, lhe tem passado, com maior ou menor violência, pelo dorso esquelético. Sentiu o peso do bengala da *forja*, o cavalo-mariño dos *lacaus*, o *casse-tête* dos cívicos ou o marmeleiro do *facho*.

Pois, ultimamente, o governo acabou por pôr em prática uma das reclamações da U. O. N. Decreto o tipo único de pão. Mas, provavelmente, por um rancor mal contido, ordenou que o fizessem em forma de cacete, que apesar de mais vantajoso para o peso e sabor, nos lembra sempre que o havemos de pagar a catorze vintens, se o quizermos.

Até nos próprios países nos aparece a forma sinistra da lambada!...

OS FORÇADOS

Neste país, onde o

de Rio Frio

feijão faltava, deixava-

se gado em quanto

o povo emmagrece; neste país onde há

falta de pão, cultiva-se a vinha. E ainda

há quem se admire disto ser um país de

fome e de bebedeira. Ainda não escasseou a uva, mas falta o trigo. Fecharam-

-se as batatas, mas em compensação

abrem-se mais tabernas. E o sr. António

dos Santos, Jorge o herdeiro do

grande patriota que foi José Maria

dos Santos, pula de contentamento: em

vez de cultivar o trigo tem necessário

os seus 4.000 escravos, cultiva a vinha

cujas substâncias eles depois pagam por

o pão lhes faz.

Há fome, mas abunda o vinho por

todos os lados, a despeito de se estar

vendendo a preços fabulosos. Não admira. Portugal é um país essencialmente agrícola...

JUVENTUDE

Há uma juventude, a

juventude natural, que se nota

pela mobilidade de pensamentos,

pela vontade enorme de conhecer

coisas e que sinceramente, desprendida-

mente, se entrega a ideias em regre- no-

nos e belos como elas - com fervor, se-

gundo aquela força estranha da Vida

que impõe a Humanidade para a fren-

teza onde se visiona a Liberdade e a Be-

leza. Mas uma juventude que existe ali-

ás margens de Belém organizou on-

tempo parvo que foi Nuno Álvares, foram

celebrados como factos dignos da maior

admiração.

O diabo é juventude católica de Be-

lém, que se presa de ser portuguesa

e Caso teria ela nascido no reinado de

D. João I?

JORNALISMO

As escenas de facada,

que de quando em quando

se dão nos bairros

miseráveis e corruptos,

são assunto que muito debole

se faz estendal de duas colunas, como on-

tem o fez o *Diário de Notícias*. E' já

sabido por todos que tais des-

crições minuciosas, onde entra sempre

a mesma facada, em geral dada por um

válio ciumento na amante, tem uma

influência perniciosa, dando-se, geral-

mente o facto curioso de estes crimes

quase nunca aparecerem isolados. Muito

fadistinhas esfaqueadas a amante só para

ter o prazer de ler o nome no jornal.

ENÉRGICOS e... peras

O deputado

do socialista,

sr. Dias da Silva, dizia há dias em *O*

Combat, que se em vez de 7 deputa-

sos socialistas, existissem 30 ou 40 no

parlamento, o nosso estimável Baptis-

ta não se atreveria, etc., etc.

Não tenha dúvida. Se os 30 ou 40

fossem umas "enérgicos" como os seu

seus companheiros, o nosso rico Baptis-

ta ficava reduzido a torrões.

"O Despertar"

Este nosso colega, quinzenário orgâ-

no de mocidade sindicalista português,

editado pela *União das Juventudes Sin-*

dicistas de Portugal, que se encon-

tra suspenso devido à dificuldade em

obter papel, reaparece novamente do

dia 1º de maio, sensivelmente melho-

ro, sendo esse número dedicado a

memória dos mártires de Chicago, pu-

blicando uma gravura alegórica.

Os pedidos de exemplares devem

desde já ser feitos à administração

Calçada do Combro, 38-A, assim de se-

NOTAS

Nós e a arte

Entrei, ontem, num «Café», la a noite estendida e lá fora fazia uma chuvinha enervante.

Daí, o enterro trocado a minha costume vadiagem através das ruas pelo poço a uma mesa dessa vasta e pouco confortável sala.

Ao meu lado, em amaneirado e quasi franco convívio, um grupo de mócos descurado alto.

Confesso que não fui curioso de os ouvir. No aspício, eles mostravam-se-me criaturas amanhecidas, estioladas por vidas fárias e ociosas. Foi ai meu engano.

Palavras deles que indecisamente me chegavam lizaram com que cuidadosamente os atentasse.

Era um grupo de artistas.

Desfazendo delicadamente a atenção que me mereciam, escutei-os.

E velho que toda a seara tem jô. Entre eles o jô via-seclaro. Havia moços, ali, pensando pelas cabeças de outros, —especie de ervas daninhas vivendo uma sugada vida de plantas robustas que indiferentemente as consentem. Outros, que desenhavam firmes eclaramente suas ideias fortes, eram mais moços na plena afirmação da sua inteligência.

E coisa curiosa — os primeiros, os cretinos, tinham decretado procurado estes, acreditados que entre o brilho deles lhes era fácil esconder a sua insinuância.

Era assim, contrastada, que a sua estupidez plenamente se afirmava. Pobres deles!

* * *

Vamos agora ao que a uns e a outros escutei.

Falavam de *A Batalha*. Sobre a mesa, tinham esse jornal.

Reconstruo, o mais fielmente que posso, os dizeres deles todos.

— Este artigo é bem feito. (Referiam-se ao artigo do camarada M. D. *A arte e os artistas*).

— Oral não passa duma entrevista vulgar.

— Não. Há a, atender, porém, à maneira conscientiosa como é feita.

— E mais ainda. Ela demonstra uma boa-vontade honesta de aceitar.

— Depois, mostrava-se aqui que as manifestações artísticas interessam o operariado consciente.

— Mais. Os críticos dos jornais burgueses não fazem melhor...

— Não estão afetos «à mão de obra» — blague dum comovedor jornalista presente.

— E não as fazem melhor porque se acreditam sabedores do *metier* criticado. Daí a asneira irritante. Estes dizem apenas das suas impressões. Só a franqueza os torna mais interessantes.

— E como não seguem escolas, nunca são pretzelhas. Falam por intuição. Vem aí o que aqui se diz das novas leisões de arte.

— De verdade. El honesto e acreditado. Poucos críticos de arte o tem feito deste modo.

— Recebemos-nos. Há a vontade de nos compreender. É muito.

— E acresce ainda o despretenciosismo de não *pousarem*. Além de que, podemos acreditar que a arte não é considerada a um passatempo futile, para as classes vacançadoras, quer dizer, prasatas.

* * *

Ao último período eu acrescentei: as classes de amanhã.

Quique entendido, porém, que nós consideramos irmãs da nossa vida futura as chamadas belas artes.

Equivalente, teremos estabelecidos, amanhã, os nossos lares, as nossas grandes escolas.

Nos outros queremos o artista educador, a lembrar-nos as belas attitudes do corpo e da alma.

Queremos-lhe, vejam bem. A arte é-nos uma necessidade. Nunca a teremos como luxo.

Sejam, pois, os artistas bem humanos, dentro de que escola ou temperamento for, que nos serão queridos.

Pórtio, 19 de Abril.

José de AL.

ENFIM!

Foram ontem restituídos à liberdade quase todos os operários que estavam detidos

Ontem à tarde o presidente do ministério, acompanhado do ministro da justiça e de vários funcionários da polícia, dirigiu-se ao governo civil, tendo estado, no calabouço n.º 3, onde se encontravam cerca de quarenta presos, no seu número operários que a polícia detivera como agitadores.

Teve o sr. António Maria Baptista encontro de verificar com os próprios olhos que as informações que *A Batalha* dera acerca das destinações condicões em que se encontravam aqueles homens não pecavam por exageradas, e que o não eram prova o facto de não ter encerrado a sua indignação contra semelhante caso perante o director da polícia de segurança do Estado, que não hesitou em manter, durante longos dias, num lóbrego recinto, insuficiente a receber quinze pessoas, quatro dezenas delas.

Foram em seguida restituídos à liberdade quase todos os presos que se encontravam no referido calabouço, cujos nomes damos noutro lugar, tendo também sido ontem libertados, segundo nos informam, os operários que no forte de Sacavém se achavam há muitas diárias.

O desfecho é o mesmo de sempre.

Prendem-se, sem motivo plausível, alguns nomes que a polícia, na sua alta inépcia, supõe perigosos, só porque se destacam como mais combativos nas corporações a que pertencem, e, após dias e dias de captividade nas infestas masmorras da república, restituem-nos à liberdade sem se preocuparem que os arbitráriamente promovem a sua detenção em indemnizá-los dos prejuízos morais e materiais sofridos, o que lhes dá azo a reincidir na prática de idênticas violências.

E não querem esses estios da ordem burguesa que não haja revoltados, quando são eles próprios que cometem, com os seus actos, a revolta!

Povo, alerta!

A Companhia Carris de Ferro em cena

Devem os nossos leitores recordar-se da célebre tentativa de suborno, de que há tempo fomos objecto por parte de dois indivíduos sem escrúpulos, que pretendiam que *A Batalha*, em muitas boas condições, se prestasse a defender o aumento das tarifas com que a Companhia Carris de Ferro intentava onerar o público.

Publicaram então quase todos os jornais burgueses extensos artigos, pagos a tanto por linha, nos quais se enganava o povo crêdulo, contra os quais não deixámos de protestar em quanto não acabou tão repugnante cumplicidade da imprensa no atentado contra a algibeira dos habitantes de Lisboa.

Ontem, porém, o *Século*, na sua edição da noite, voltou a publicar, com um certo ar de ingenuidade — da qual divulgamos bastante — a súmula do novo contrato que a Companhia quer fazer com a Câmara, a fim de aumentar os já insuportáveis preços das suas carreiras.

O contrato, apesar de muito lindo à primeira vista, das zonas a 900, que se propõe manter e da bilhete dos dois carros matutinos e vesperinos para condução de operários, tornar-se-há em breve — se a Câmara o aprovar — num desastre tremendo para as economias populares, tam desmanteladas pelos ataques dos assambucadores.

Estabeleceria a Companhia três qualidades de veículos: «carros económicos», carros de 1.ª classe e carros de 2.ª classe. Para os primeiros o preço da 1.ª zona seria de 900; para os segundos, 800 e para os terceiros, 800 e, por cada zona a mais, respectivamente, 2, 3 e 4 centavos.

Se há quem falte à palavra dada com máxima fidelidade, sob esse aspecto nenhuma excede a Companhia Carris de Ferro.

Portanto, av três classes de carros não serviriam senão para a Companhia fazer escassear os talos carros económicos e os de 2.ª classe, pondo em circulação que o sindicato de operários.

— Oral não passa duma entrevista vulgar.

— Não. Há a, atender, porém, à maneira conscientiosa como é feita.

— E mais ainda. Ela demonstra uma boa-vontade honesta de aceitar.

— Depois, mostrava-se aqui que as manifestações artísticas interessam o operariado consciente.

— Mais. Os críticos dos jornais burgueses não fazem melhor...

— Não estão afetos «à mão de obra» — blague dum comovedor jornalista presente.

— E não as fazem melhor porque se acreditam sabedores do *metier* criticado.

— De verdade. El honesto e acreditado. Poucos críticos de arte o tem feito deste modo.

— Recebemos-nos. Há a vontade de nos compreender. É muito.

— E acresce ainda o despretenciosismo de não *pousarem*. Além de que, podemos acreditar que a arte não é considerada a um passatempo futile, para as classes vacançadoras, quer dizer, prasatas.

— E é intollerável que assim se proceda, quando se brada nos ventos que se querem e só ordem,

— O é intollerável que assim se proceda, quando se brada nos ventos que se querem e só ordem,

— Manteom-se os sindicatos selados, sem motivo justificado

— Uma das grandes regalias que os propagandistas republicanos, no tempo da defunta monarquia, prometiam a partir do bacalhau a 800 era manter, em regime republicano, a liberdade de associação, como adstrito à liberdade de pensamento. Com efeito não se compreende que alguém que pensasse livremente não pudesse reunir os seus amigos, conhecidos ou conterrâneos para lhes patentear o que pensava. E já velho pensamento aquele que diz nascer a luz da discussão, e, portanto, homem ou regime que se oponha à expressão do pensamento é, segundo a moral contemporânea, considerado criminoso.

— Isto que vimos dizendo está até dentro dos princípios republicanos e tanto assim que este regime, embora duma maneira mais ou menos sofisa, mantém um parlamento, onde os pseudo-tradutores da vontade do povo discutem e aprovaem leis que servem esse povo... aprovando leis iniquas que o amordâcam e torturam.

— Ora, de convidado com o princípio primário da república — liberdade de pensamento — deveriam ter os proletários plena liberdade de reunir nas suas associações, discutindo as questões que lhes interessam.

Assim, temos o direito de preguntar ao governo porque razão conserva ainda a sede da C. G. T. e vários sindicatos encerrados.

Certamente que o governo não quer aumentar o descredito das instituições que se propõe defender, continuando a ter encerradas as associações operárias. Do resto esse encerramento foi ordenado por motivo das greves e, tendo estas terminado, onde está o motivo por que se mantêm semelhante arbitrariedade?

— Caiu a General dos Depósitos

Lava grande descontentamento entre o pessoal contratado desse estabelecimento do Estado, pelo facto de não ter sido paga a «ajuda da custa da vida», apesar do ministro das finanças ter enviado ao administrador geral uma circular em que lhe participa que em reunião do conselho de ministros fôr resolvido, como esclarecimento ao decretivo, que a mesma «ajuda de custa» deve ser dada com as suas horas comendas e torneadas com as do desvio.

Os organizadores conseguiram como de primeira vez a organização de combispeciais que saíram de Lisboa com horas comendas e torneadas com as do desvio.

— Ora, é intollerável que assim se proceda, quando se brada nos ventos que se querem e só ordem,

— Manteom-se os sindicatos selados, sem motivo justificado

— Casa dos Jornalistas

Na segunda-feira passada, que se realizou no campo de Estoril e deixou de faltar, entre os dois populares e poderosos grupos do Sport Lisboa e Benfica e do Belenense Football Club, em homenagem à Casas dos Jornalistas, desfio que se deu ter, realizado no tarde de 10 de Março, mas que o tempo, devido ao mau tempo, só se realizou no dia 12 de Março, tendo estado 10 dias ininterruptos.

— O é intollerável que assim se proceda, quando se brada nos ventos que se querem e só ordem,

— Manteom-se os sindicatos selados, sem motivo justificado

— A Batalha

de «A Batalha»,

Tendo-se extraviado alguns micos de exemplares de *A Batalha*, dos trânsitos publicados durante a greve do Pessoal dos Correios e Telegrafos, encontra-se a administração impossibilitada de fazer a sua remessa a todos os assinantes, pelo que resolveu levar-lhes em conta as importâncias já pagas isto é, receber o jornal, sem necessidade de novo pagamento, durante um período de tempo igual ao que estiveram privados de o receberem.

Aqueles, porém, que façam coleção, tentar-se-há enviar os números que lhes faltam, para o que devem dirigir-se à administradora.

Para que se possam reparar, quanto possível, quaisquer irregularidades, como o não recebimento do jornal ou qualquer outro, pode-se, aos assinantes e amigos, o favor de dirigirem imediatamente as suas reclamações à administração.

— Vai ser reorganizada a Associação de Classe dos Fabricantes de Caiado, vindos, para esse efeito, dois delegados da F. C. C. P. Iomar parte na reunião em que o se realizou.

— Vai ser reorganizada a Associação de Classe dos Fabricantes de Caiado, vindos, para esse efeito, dois delegados da F. C. C. P. Iomar parte na reunião em que o se realizou.

— BORGES, 22.

Na dia 1.º de Maio realiza-se uma excursão

organizada pelo Sindicato Único da Indústria da Móveis e artesanato, e que está a realizar-se em Lisboa, com uma sessão solene no Teatro S. João, Bastos, em que tomará a parte dezenas de industrias do Porto e Lisboa.

— A sessão será abençoada por uma oração que executará a Internacionais do Trabalho.

— Ora, é intollerável que assim se proceda, quando se brada nos ventos que se querem e só ordem,

— Manteom-se os sindicatos selados, sem motivo justificado

— Universidades, Academias e Escolas

— Mutualismo e Cooperativismo

— Cooperativa do Pessoal do Municipio.

— os corpos gerentes comunicam a todos os consórcios que por no próximo dia 1.º de Maio se encontra fechada a sede, não se fazendo, por conseguinte, a reunião de que se fala.

— Ora, é intollerável que assim se proceda, quando se brada nos ventos que se querem e só ordem,

— Manteom-se os sindicatos selados, sem motivo justificado

— Mutualismo e Cooperativismo

— Cooperativa do Pessoal do Municipio.

— os corpos gerentes comunicam a todos os consórcios que por no próximo dia 1.º de Maio se encontra fechada a sede, não se fazendo, por conseguinte, a reunião de que se fala.

— Ora, é intollerável que assim se proceda, quando se brada nos ventos que se querem e só ordem,

— Manteom-se os sindicatos selados, sem motivo justificado

— Mutualismo e Cooperativismo

— Cooperativa do Pessoal do Municipio.

— os corpos gerentes comunicam a todos os consórcios que por no próximo dia 1.º de Maio se encontra fechada a sede, não se fazendo, por conseguinte, a reunião de que se fala.

— Ora, é intollerável que assim se proceda, quando se brada nos ventos que se querem e só ordem,

— Manteom-se os sindicatos selados, sem motivo justificado

— Mutualismo e Cooperativismo

— Cooperativa do Pessoal do Municipio.